

O
CARAPUCEIRO

25 DE MAIO
DE 1833



O CARAPUCEIRO.

PERIÓDICO SEMPRE MORAL, E SO' PER ACCIDENS POLITICO.

*Nunc servare modum nostri novère libelli
Parcere personis, dicere de vitiis.*
Marcial Liv. 10. Epist. 33.

Guardare nesta Folha as regras boas,
Que he dos vicios fallar, não das pessoas.

IMPRESSO EM PERNAMBUCO POR J. N. DE MELLO NA TYPOGRAFIA FIDEDIGNA.

O RICO, E O POBRE.

Como o dinheiro encerra em si todo o merito, que hum homem póde possuir; nada he mais natural, e ju-
stificado, do que o orgulho de hum individuo, a quem as riquezas couberão em sorte. Esta particularidade só por si constitue a differença essencial de hum sujeito racional, que he rico, mas avarento, a huma mula, que carrega sobre os lombos o thezouro do seu senhor. Aquella não conhece a virtude do thezouro; por isso caminha com a orelha baixa; este, por que sabe qual o merito intrinseco do dinheiro, só por essa razão despreza o pobre. Todo o universo conspira para justificar o orgulho do rico. Não há quem o não ame, quem o não reverencêe, quem o não sanc-

tifique. Elle he sim de baixa extracção: porém he rico: muitas vezes quando ri, não se differença de hum tollo, se toma certo ar de importancia, assemelha-se a hum basbaque; porém he rico: não sabe fallar, menos escrever, para nada tem geito; porém he rico.

A atrocidade, com que hum destes, opprime ao desgraçado, a injustiça, com que usurpa os bens do orfão merecem certo laço corredio: mas bagatellas: só assim julga quem não conhece o mundo. Não há nada, como ter dinheiro; não ha nada, como saber gastar, principalmente com a Sra.ª Justiça, que como he orfã, (coitadinha!) vai recebendo as caridades, que lhe querem fazer. O vicio, que viveo antes de J. C., O vicio, que não era ali qual per pai

senhor, já dizia á tantos seculos.

» Munera, crede mihi, placant hominesque, deosque »

» Placatur donis Jupiter ipse datus: »

» Soepe Joven vidi, cum jam sua mittere vellet »

» Fulmina, thure dato, sustinuisse manum. »

Crede-me, que isso de dar (dizia o tal Poeta gamenho) agrada a homens, e deozes. Jupiter amacia-se com da divas: e muitas vezes vi o mesmo Jupiter prestes a fulminar o raio, suspender a mão; por que o encenarad. Há provarás mais bellos, há razões fiças mais decisivas, do que quando todas estas cousas vad acompanhadas de huns sylogismos amarelinhos, assim por modo de peças de 6.,400 rs? Quem he esse ingrato, qual he ess'alma taõ fria, que se naõ dobra a o riso terno, e fagueiro de huma dessas carinhas taõ bonitinhas? Só se for algum Ministro, Escrivaõ, ou Letrado por muito duros, que saõ para essas minudencias.

Mas tenho notado, que atiraõ-se os mais crueis sarcasmos contra os que pensaõ, ou enthezouraõ, como certos ricos. Em geral entendo, que saõ impertinentes os que declamaõ contra os avarentos, e ricos; porque naõ saõ estes os culpados; porẽm sim o mundo, que lhes dá todo o apreço. Qual a razão por que se naõ respeita muito mais a virtude, do que o ouro? Porque se naõ concede o titulo de homem venerando a a quella que procura derramar a felicidade sobre cem familias; a aquella que mais se empenha p. os interesses confiados á sua equidade, do que pelos seus proprios? Por que o mun-

do em fim naõ aprecia o merecimento? Se assim o fizesse, nós viviãmos logo a este rico, obrando todos os esforços para ser virtuoso, compadecido, e liberal. Verdade he, que seguir o caminho da virtude he sempre mais facil, do que a elevaçãõ p. o meio do vicio: a paz, e contentamento, que o homem de bem encontra em suas ações, he de todas as suas recompensas a mais agradável; recompensa, que naõ conhece o homem mau, cuja grandeza he ser e de reproche no meio da sua magnificencia. Sifronio, que he muito rico, aspira á consideraçãõ: quando veio a o mundo, já achou tal, que só reverencêa o brilho das riquezas, e naõ tem as virtudes tranquillitas de hum coraçãõ recto, se naõ por qualidades do vulgo. Quem he neste caso o culpado? Sifronio, ou o mundo? Esta injusta prevençãõ do mundo he parte para que a virtude sempre se retire com artimido, e nunca possa romper a multidãõ apinhada dos ricos insensatos. O homem, que conhece os seus deveres para com Debs, e para com o Estado; que os observa cuidadosamente, e com suas lições, e exemplo atrahẽ á sociedade milhares de bons cidadãos; vive quasi sempre na obscuridade, e morre sem ser lamentado; por que he pobre. Por mais coragem, que tenha, esta nunca lhe tira pela vontade a que se patentea a o mundo; que a sua experiencia, junta a de outros, assás o tem amestrado; de que o mundo desprezãõ ia, se busasse apparecer. Olhemõs agora para o reverso do quadro. Qual he aquella figura fastidiosa, que tristemente abergada

no seu cazebre, rõe as unhas, e surrêccar azedame? He hum sujeito, que se diz filosofo, e que despreza o mundo para se vingar do mundo, que o despreza. Suas roupas miseraveis cobrem hum coração muito mais orgulhoso, do que aquelle que palpitava sôb vestes douradas, sôb comendas, e grãs cruces. Elle está sempre a vozejar, contra os que não recompensão o merito, contra os que se não lembrão de o tirar do pó da sua terra. Como não tem nem nascimento, nem fortuna, nem capacidade para se fazer amar; toma o partido de aborrecer: insulta a os grandes, e ricos, chama-os tollos brilhantes a fim de abater prelicados, que a elle lhe faltão. Com que jus são aquelles ricos mais felizes, do que elle? O que he que sabem? Nada: a o passo que o nosso Timon sabe muitas Linguas, á excepção da sua, e conhece melhor os costumes dos Gregos, e Romanos, que os do seu seculo, e da sua Nação. Timon (fallo com os que não tem lição) foi hum filozofista bezuntado, natural de Athénas, conhecido por misantropo pela aversão, que consagrava a especie humana. Hum dia apprezentou-se esse maníaco em hum grande adjuncto, e sem mais preambulos fallou nesta substancia—

Srs., eu tenho em meu quintal hum ma figueira, na qual tem-se enforcado voluntariamente muitos sujeitos, desgostosos deste mundo: e como estou de animo a cortalla pela necessidade, que hei do sitio, em que se ella acha plantada; venho dar-vos parte, a fim de que aquelles de vos que se quizerem servir do prestimo da figueira para o mesmo mister, o yad fazer antes que seja derrubada—

Que convite de hom gosto! Que baile de dansa de corda!

Se entrardes em conversação com o tal Timon, elle vos fará corar da vossa ignorancia; tapar-vos-á a bôca por sylogismos, de que ignoraes até os nomes. Mas no meio da sua pobreza elle tem o coração tão inchado, que contesta com o ceo, e com a terra, e alardêa da sua miseria, á qual não tem sabido subtrahir-se. Ninguem imagine porém, que Timon sempre teve essas idéas nobres, e desinteressadas. Os primeiros passos da sua vida forão para as riquezas, e honras. Elle procurou lugares, solicitou empregos, cometteo baixezas pelos obter; foi adulator, foi intrigante, foi tudo, que he vil: mas como nada conseguiu, á maneira da rapoza da Fabula, atirá chascos ás uvas, a que não pôde chegar. E se quereis conhecer de mais perto, e internar-vos no coração do orgulhoso Timon; tirai-o da sua triste condição, accumulai-o de riquezas, e honras; e vereis o homem mais fôfo, o homem mais guindado, o individuo mais incomportavel da sociedade. Timon he, como muitos dos nossos Liberaes de lingua, e de esquinas. Não há Auctoridade, que lhes agrade: todas são despoticas, todas venaes, e corrompidas. Dai a hum destes qualquer mando: fazei-o delegado de Juiz de Paz, que seja? O que sujeito empavesado! Que homem voluntarioso, cabeçudo, e despotico! Quem he, que justamente se não revoltava com as arbitrariedades, e cruezas, praticadas por muitos, ou quasi todos os Capitães Moraes? Forão estes abolidos: creava-se Juizes de Paz; que arbitrar! Jades,

que tyrannias não tem comettido muitos destes Juizes. Alguns há capazes: tão bem os havia entre os Capitães Mores. Assentemos ultimamente, que todas as condições, e estados tem suas vantagens, e desvantagens. Feliz o que se contenta com a sua sorte. Se a riqueza he mancipial de vícios, a pobreza he incentivo para muitos crimes. A virtude está quasi sempre no estado mediocre.

A INTEMPERANÇA.

Dos perigos da intemperança, e de seus funestos resultados sobre o systema da nossa conservação tratáram os maiores Filozofos da antiguidade. De todos os entes vivos só o homem abusa dos seus orgãos digestivos: tem os brutos hum instincto mui seguro, que os adverte, e guia. A o Camello asiatico basta huma pouca de erva, ou de folha: o boi contenta-se com o seu pasto: a mesma aguia, com quanto seja voraz, se está farta, não acaba a sua victima, e sempre pára a propozito.

Só os homens civilizados congregam-se em hum banquete para se exultarem, para se provocarem mutuamente a todos os excessos da intemperança. Em Inglaterra, paiz, que tanto alardea de civilizado, espora, que as Senhoras deixem a meza (*) para circularem os copos dos vinhos mais valentes, e reanimarem

(*) Cá pelo Brazil também se vai introduzindo esse costume; assim como a dos beijos, que se

destarte a alegria dos convidados, pondo as almas em toda a liberdade, e dando todas as largas á conversação. Semelhante jantar he em verdade hum espectáculo bem pouco agradável a o estrangeiro, que viaja, e nada tem de atractivo para o Filosofo, que o observa.

Quem acreditaria, que em Pariz já houve huma sociedade, que se gloriava de ser crapulosa, a qual tinha suas sessões, seu código, seu livro de registros, seu ritual para as iniciações, seus usos, e regulamentos. A dava muitos visos d'aquella academia de cozinheiros, de que faz menção o Plutarco, sociedade formada no Egypto sob o pomposo título de *inimitaveis*. Eu mesmo já tractei a muitos membros da nossa moderna confraria; por que molestias graves muitas vezes os saltavao no meio das longas orgias, com que fatigavao a sua ociosidade.

Não basta que o gosto dos nossos incomparaveis epicuristas seja amado; os olhos também querem ser atrahidos. O manjares mais adubados, mais exquisitos estreado se em vasos de ouro, e prata. As saudes mais extravagantes soao por toda a meza; este hrinnha seu visinho com mil requêbros de amizade, aquelle traz a pello quanto pôde lisonjear lhe os caprichos, e contentar lhe as paixões: até não falta quem recorra a supplicas a fim de que outrem, de quem se diz muito amigo, coma sobre posse, ou pratos, que lhe podem prejudicar a saude. *Continuar-se há.*

(Traduzido do Dr. Alibert.)

São as Senhoritas, quando se encontrao, e ás vezes são tão fortes, que parecem estallos do milho quando se fiam as pipocas. He fado nosso imitar os do estrangeiro tudo quanto he ridiculo, ou insignificante, e não tomarmos o que nelle ha de bom, e interessante.